

Moinho de Maré de Corroios (Portugal)



Nuno Gonçalves Rodrigues

Licenciado pela Universidade Autónoma de Lisboa

Amora - Portugal 2016

Índice

Introdução.....	3
Capítulo I: O que se entende por Património.....	4 - 5
Capítulo II: Conceito – Museu vs Ecomuseu.....	6 - 8
Capítulo III: Moinho de Maré de Corroios.....	9 - 12
Capítulo IV: Localização.....	13
Conclusão.....	14 - 15
Notas de Fim.....	16 - 17
Bibliografia.....	18
Portal / Página Web.....	19

Introdução

Como me ensinaram na universidade, temos que realçar o contexto histórico para chegar ao tema principal.

É com base neste pressuposto que inseri neste trabalho alguns capítulos que o complementam e para isso analiso e explico o que é, como se pode catalogar o património e como este pode ser integrado no turismo.

Em seguida e como o moinho de Corroios está inserido como núcleo do Ecomuseu Municipal do Seixal, faço a distinção entre museu e ecomuseu, que são conceitos bastante díspares.

Uma vez que nem o Seixal e muito menos a freguesia de Corroios são locais conhecidos do público em geral, este trabalho foi elaborado para que a sua divulgação abranja o maior número de pessoas possível, sendo constituído por fotos do meu arquivo pessoal tiradas aquando das visitas ao moinho.

Como ouvi na U.A.L. numa das conferências sobre Ceuta, não podemos amar e defender aquilo que não conhecemos. Concordo com esta ideia, não só como um orgulhoso licenciado em História mas também como munícipe. Se cada um de nós pugnar pelo que está mais perto e ao nosso alcance, mais o património português poderá ser preservado para as gerações futuras.

Capítulo I: O que se entende por Património ?

Este moinho de maré é considerado um património. Mas o que é este conceito? Será que diz respeito a tudo o que é antigo e deve ser preservado?

Partindo destas questões podemos afirmar que o “assunto património” nunca foi consensual ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito a monumentos arquitectónicos. Se alguns países tiveram governantes que tinham o gosto pela cultura e quiseram deixar às gerações futuras o que consideraram importante, outros optaram por destruir, soterrar ou re-utilizar os seus materiais para uma nova construção.

Em contraponto, lembro-me de ter lido sobre o castelo de Guimarães que nas primeiras décadas do século XIX esteve para ser demolido. Foi salvo por um voto.

Em 1972 na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, reunida em Paris de 17 de Outubro a 21 de Novembro, ficou estipulado na Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, as definições do património cultural e natural: ⁱ

Artigo 1º - Património cultural:

- Os monumentos: neste caso, as obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.
- Os conjuntos: Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.
- Os locais de interesse: Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Artigo 2º - Património natural:

- Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico.
- As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem *habitat* de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.
- Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural.

Este último ponto enquadra-se perfeitamente no tema deste trabalho e podemos então dizer que o património, que inclui os monumentos e documentos, permitem “(...) recordar e ajudam a operacionalizar o processo de memorização. (...) *monumento* vem do latim *monumentum*, termo este derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória.”ⁱⁱ

Há muito tempo que existem obstáculos à cultura uma vez que colide com a economia, aliás, “(...) o próprio pai da economia política, Adam Smith, afinava pelo mesmo diapasão ao considerar que as profissões dedicadas à arte, à cultura e ao lazer não contribuía para a riqueza das nações, ao contrário, constituía o âmbito, por excelência, do trabalho não produtivo. Todavia reconhecia (...) que aquelas profissões têm certas peculiaridades, como o engenho, a admiração ou a habilidade, as quais exigem uma maior remuneração.”ⁱⁱⁱ

Recentemente o património deixou de abranger unicamente a vertente histórico-cultural, passando a ser também um factor de desenvolvimento de uma região e assim surgiu o turismo cultural e em que este é considerado algo que conseguirá criar riqueza a uma região, atraindo investimento e criando postos de trabalho.

Como curiosidade, a palavra turismo foi utilizada pela primeira vez em 1811 numa publicação, a “*Sporting Magazine*” e tem “(...) a sua origem etimológica (...) em *tour*, que era a viagem que nobres ingleses, alemães e outros realizavam pela França desde fins do século XVII. Um exemplo português é o caso do rei Dom Pedro V, que fez a rota inversa dos turistas ingleses, rumando a Londres (1854) e Paris (1855) para adquirir conhecimentos que lhe servissem mais tarde para a sua governação.”^{iv}

Capítulo II: Conceito - Museu vs Ecomuseu

O moinho de maré de Corroios está integrado no ecomuseu municipal do Seixal. Vale a pena destringar estes dois conceitos, até porque um museu tem características diferentes de um ecomuseu.

Podemos entender que o museu “(...) é uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe para fins de estudo, educação e deleite, testemunhos materiais do homem e do seu ambiente.”^v Ou que “o museu deve criar laços afectivos” (Mário Moutinho, 2005)^{vi}

É “ vital que os museus respondam às questões que vão sendo colocadas pelo seu ambiente social de modo a manter a sua relevância no contexto de necessidades e objectivos sociais em mudança.”^{vii}

Como é perceptível para quem os frequenta, estes não têm evoluído muito ao longo dos anos e atrever-me-ia a dizer séculos. São geralmente locais de grande dimensão onde podemos encontrar expostos desde quadros, esculturas, fósseis, entre outros tantos acervos disponibilizados e onde temos por vezes algo a separar-nos do objeto em si, sejam vitrinas ou cordas. Sistemáticamente podemos ler “proibido mexer / tocar”, o que nalguns caso é totalmente compreensível e noutros nem tanto.

O papel do museu será o da salvaguarda e valorização do património.

A evolução do conceito museu veria “(...) entre 1972 e 1985, a passagem da museologia para a consciência social e política. (...) enquanto os museus tradicionais se ocupavam, sobretudo, da salvaguarda de um certo tipo de património (...) as organizações museológicas do novo tipo exercem uma acção mais abrangente, contemplando:

- a) um género de património muito mais vasto e diversificado
- b) as respectivas comunidades envolventes ou que a elas recorrem
- c) e a transformação da própria sociedade, através da dinamização cultural, educativa e económica.”^{viii}

O caminho estava aberto para, entre outros novos tipos de museus, surgir o ecomuseu.

O ecomuseu teve a sua origem em França no início dos anos 1970's. Esta palavra foi inventada em 1971 por Hugues de Varine^{ix} e mais tarde adotada por Robert Poujade, ministro do ambiente francês, numa sessão do Conselho Internacional dos Museus. Georges Henri Rivière^x não só aprovou este novo conceito, como o complementou, acrescentando “ museu do tempo, quando a explicação remonta para lá do tempo em que o homem apareceu, se prolonga no tempo em que ele vive e para além deste.”

Se o termo ecomuseu nasceu em França na década de setenta do século passado, os seus princípios já haviam sido postos em prática nos finais do século XIX, principalmente nos países nórdicos. Destacamos o nome de Artur Hazelius^{xi} que com o crescente desaparecimento dos costumes dos camponeses decidiu recolher os seus testemunhos e em seguida expôs as construções, o gado e os próprios camponeses. (Mendes: 2009)

Surgia um novo tipo de museu, o museu ao ar livre. O primeiro foi inaugurado na Suécia, mais concretamente em Skansen^{xii} (que continua a ser o museu mais visitado da Suécia) por iniciativa do já citado Hazelius “(...) com oficinas tradicionais, guias vestidos à moda da época evocada, demonstrações folclóricas, tendo-se tornado, rapidamente, num modelo a seguir na Escandinávia. Os países nórdicos procuravam, assim, reforçar a sua identidade cultural.”^{xiii}

Mas o museu ao ar livre é um conceito diferente, uma vez que na reconstrução e o ecomuseu prefere instalar-se em algo que já exista ou conservar *in situ* um achado arqueológico.

Segundo Davis a origem dos ecomuseus está relacionada com o ambientalismo, o resgate e a preservação do meio ambiente onde vivem os seres humanos e servem para conservar e interpretar todos os elementos do meio ambiente de forma que se garanta a continuidade com o passado e um sentido de pertença. (Pérez: 2009)

O Observatório Mundial dos Ecomuseus indicava que em 2009 existiam cerca de 300 ecomuseus no mundo.

Como não existe uma definição única para ecomuseu, destacamos as seguintes:^{xiv}

- um instrumento que um poder e uma comunidade concebem, produzindo e explorando-o conjuntamente.
- ecomuseu é uma instituição cultural, assegurando, num dado território, funções de pesquisa, de salvaguarda, de apresentação e de valorização de um conjunto de bens naturais e culturais representativos de um meio e dos modos de vida que aí têm sucedido.

Esta segunda definição é a que mais se adequa ao ecomuseu municipal do Seixal que “(...) é uma unidade orgânica da Câmara Municipal do Seixal que tem por missão investigar, conservar, documentar, interpretar, valorizar e difundir testemunhos do Homem e do meio, reportados ao território e à população do Concelho, com vista a contribuir para a construção e a transmissão das memórias sociais e para um desenvolvimento local sustentável (...) Em 1982 a Câmara Municipal abriu ao público o Museu Municipal do Seixal que ficou situado na Torre da Marinha, Arrentela. Em 1983 este museu foi denominado de Ecomuseu, e tinha como objetivo “(...) a sua programação museológica a actividade referente ao território concelhio, a conservação dinâmica do património, sempre que possível *in situ*, e a interacção com formas de participação da população/das comunidades na vida municipal.”^{xv}

A partir de 2001 o ecomuseu municipal recebeu novas valências depois da aprovação pela câmara do documento programático *Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do EMS*.^{xvi} Atualmente o EMS para além de três embarcações tradicionais do estuário do Tejo - os bote-de-fragata Baía do Seixal e Gaivotas e o varino Amoroso - tem a seu cargo:

5 Núcleos:

- Mundet
- Naval
- Quinta da Trindade
- Olaria Romana da Quinta do Rouxinol
- Moinho de Maré de Corroios

3 Extensões:

- Antiga Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços
- Quinta de S. Pedro
- Espaço Memória – Tipografia Popular do Seixal

Uma das definições que encontrei especificamente sobre o ecomuseu do Seixal, é que este é “ (...) um museu polinucleado^{xvii} sito na área metropolitana de Lisboa: moinho de maré, fábricas e fornos de cortiça, núcleo de estaleiros navais que funcionam como ateliê artesanal e didático. O número de visitantes tem diminuído de 40.000 para 12.000 por ano. A sua preocupação didáctica é muito importante. Os guias do museu são autênticos mediadores culturais com o visitante.”^{xviii}

Depois desta introdução do que é considerado património e de nos debruçarmos sobre os conceitos de museu e ecomuseu, entraremos no próximo capítulo no tema central deste trabalho.

Capítulo III: Moinho de Maré de Corroios



Este moinho também conhecido como Moinho do Castelo, foi mandado construir em 1403 por iniciativa do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira para aproveitar a energia das marés e fazer da actividade moageira uma das principais atividades do estuário do Tejo.

Em 1404 doa o moinho e os todos os bens que tinha nesta região ao Convento de Santa Maria do Carmo em Lisboa, Ordem da qual era Mestre. Construído inicialmente com três moendas, não foi o primeiro a ser construído no estuário do Tejo, uma vez que já existiam alguns na zona do Montijo e Alcântara, mas foi o primeiro na região do Seixal.

No início do século XVIII foi ampliado mas devido ao terramoto de 1755 teve de sofrer nova remodelação. Segundo o DGPC “(...) a maior parte do edifício actual, bem como o sistema de moagem, é já oitocentista, devendo-se a direcção dos trabalhos ao conceituado Mateus Vicente de Oliveira, engenheiro militar e arquitecto da Casa do Infantado”.^{xix}

Em 1834 devido à extinção das Ordens religiosas masculinas em Portugal, viria a ser incorporado - tal como os bens dessas Ordens - na Fazenda Pública e vendidos a particulares.

É assim que o moinho irá parar às mãos João Luís Lourenço, um importante proprietário local. Permaneceu na posse desta família durante gerações. Mas se esta família tinha o título de propriedade, outra havia, a família Gomes, que tinham a seu cargo a atividade produtiva e que viriam a desempenhar um papel relevante na industrialização do sector moageiro em Portugal.

Aqui eram produzidas farinhas mas também se procedia ao descasque do arroz. Nos meados do século passado, as quintas que grassavam nesta região aproveitavam-no para farinar os cereais colhidos. Estes chegavam não só por terra, como pelo estuário e acostavam lateralmente ao moinho.

Manuel Joaquim de Oliveira, um importante industrial estabelecido no Seixal, assumiu a exploração deste moinho nos anos de 1907 a 1930 tendo mandado ampliá-lo. Para além da moagem de cereais promoveu o descasque de arroz, adaptando um dos casais de mós do moinho de Corroios a essa função.

Mas o progressivo encerramento dessas quintas e outras formas mais modernas e rápidas de moer o cereal fez com que a partir dos anos 1970's o moinho fosse perdendo a sua utilidade.

A 2 de novembro de 1979 a C.M. do Seixal deliberou adquirir o moinho com vista à sua restauração e conservação e em 1980 passaria a integrar o património municipal.

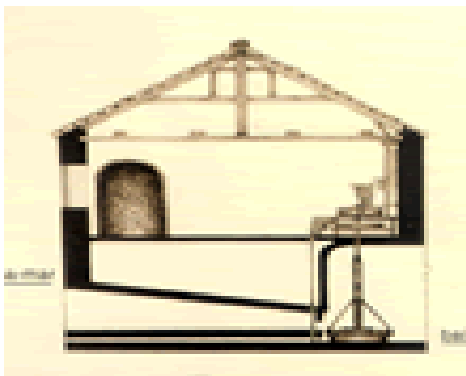
As moagens industriais levaram ao declínio dos modelos tradicionais de moagem e ao abandono de muitos deles. Felizmente não foi o caso deste moinho, muito por culpa da família de Guilherme Almeida, que já era o moleiro em Corroios antes mesmo da intervenção e musealização da câmara seixalense. Este moleiro teve assim a oportunidade para continuar a divulgar e transmitir a sua técnica e o “saber-fazer”.

A 25 de junho de 1984 passa a ser classificado como Imóvel de Interesse Público. ^{xx}

A 6 de novembro de 1986 depois de significativas obras de melhoramento, abre ao público integrado como um dos núcleos museológicos do Ecomuseu Municipal do Seixal.



Nesta imagem podemos ver a sala de moagem tal como se encontra atualmente



Em 1999 devido à morte do moleiro, o moinho fechou. Esteve encerrado ao público até Setembro de 2009 e após novas obras de qualificação e de um investimento de mais de 2 milhões de euros reabriu ao público. Desde então tem patente uma exposição de longa duração denominada “600 anos de Moagem no Moinho de Maré de Corroios”.

Imagem : Corte do Moinho de Maré de Corroios ^{xxi}

Uma simples explicação do seu funcionamento:

- a maré sobe e enche a caldeira.
- Na baixa-mar, a caldeira permanece cheia mas os rodízios ficam a descoberto.
- Abrindo os pejadouros, a água circula através das setias e coloca os rodízios em funcionamento.
- Um sistema de engrenagens transmite o movimento às mós.

Este núcleo museológico tem como finalidade:

- Contribuir para a valorização e divulgação junto dos diferentes públicos do património construído e natural do concelho do Seixal;
- Contextualizar historicamente o edifício e a actividade que o mesmo representa, nos planos nacional e internacional;
- Realçar a sua integração no meio envolvente, designadamente no sapal de Corroios;
- Evidenciar a sua evolução construtiva;
- Valorizar os princípios técnicos e tecnológicos utilizados;
- Valorizar o acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal ligado à moagem tradicional.

Por fim refira-se que para além da experiência pedagógica, o visitante tem a oportunidade, visto o moinho estar inserido no sapal de Corroios, de observar várias espécies de aves aquáticas com destaque para, entre outras:

-pernilongo

-maçarico-real

-rola-do-mar

-gaiivota-d'asa-escura

-garça-real

-garça-branca-pequena

-corvo-marinho-de-faces-brancas

-colhereiros

-andorinhão-pálido

-rouxinol-bravo

-andorinha-das-barreiras

-águia-pesqueira

-flamingos

Capítulo IV: Localização

O Moinho de Maré de Corroios fica situado na Rua do Rouxinol, Quinta do Rouxinol, em Corroios e muito perto da Olaria Romana. A entrada é gratuita e poderá ser visitado nos seguintes horários:

Verão (junho - setembro)

Terça a sexta-feira, 09h-12h e 14h-17h

Sábado e domingo, das 14h30 - 18h30

Inverno (outubro - maio)

Terça a sexta-feira, 09h-12h e 14h-17h

Sábado e domingo, das 14h às 17h

Encerramento: segunda-feira e feriados nacionais.

Como chegar: ^{xxii}

De carro:

Através da A-2 (Auto-Estrada do Sul), saída do Almada (sentido Norte-Sul) ou Almada (área comercial) (sentido Sul-Norte), seguindo as indicações para Corroios; na rotunda da entrada Sul desta povoação, tomar a direcção da Quinta do Rouxinol.

De comboio [Fertagus]

Saída na estação de Corroios, fazendo o resto do percurso a pé ou em autocarro SulFertagus.

Carreira 2C Corroios (Estação) / Laranjeiro (mercado)

De barco [Transtejo]

Através da ligação Cais do Sodré – Seixal (Terminal Fluvial) ou Cais do Sodré - Cacilhas, fazendo o resto do percurso em autocarro TST (sentido Seixal – Miratejo ou Cacilhas – Quinta do Brasileiro).

Carreira 170 Miratejo / Seixal (Terminal Fluvial)

Carreira 107 Cacilhas / Quinta do Brasileiro

Carreira 162 Lisboa (Praça de Espanha) / Quinta do Brasileiro

Conclusão

Penso que está um trabalho bem retratado e de fácil compreensão, uma vez que estes trabalhos querem-se sucintos e não maçadores, o que leva muitas vezes as pessoas desde tenra idade a afastarem-se dos temas abordados pela História, Arqueologia e Património.

Para além dos núcleos citados e referenciados, muito mais o concelho do Seixal tem para visitar como o património religioso - onde se incluem, as igrejas matriz de Amora e Seixal, consagradas respetivamente a Nossa Senhora do Monte Sião e a Nossa Senhora da Conceição - e a baía do Seixal.

Vimos anteriormente que o número de visitantes tem diminuído de 40.000 para 12.000 por ano. Como é possível aguentar esta situação por mais tempo? E o que fazer para a reverter?

No que diz respeito ao ecomuseu, fazem parte, ruínas romanas, um moinho de maré da época medieval mandado construir por D. Nuno Álvares Pereira e que está funcionável e uma quinta que pertenceu à família Gama (onde o irmão de Vasco da Gama, Paulo se inteirava da construção das naus que os levariam à Índia).

Poderíamos dinamizar em termos de visitantes o moinho de maré, uma vez que este fica praticamente ao lado da olaria. Porque não estipular que quem visitasse o moinho e quisesse, poderia visitar a olaria? Tenho consciência de que o número de colaboradores do ecomuseu é reduzido mas com um pequeno esforço financeiro por parte da edilidade poderia tornar ainda mais aprazível os núcleos da Quinta do Rouxinol.

Iniciativas como fazem regularmente no moinho, que é moer a farinha, podiam transpor esta prática para atrair visitantes para a olaria, com a promessa de criar a sua própria cerâmica tal como no tempo dos romanos. A réplica do forno maior existe e está dentro do complexo das ruínas romanas. Depois de visitar um dos núcleos, os interessados poderiam fazer uma viagem pelo rio numa das embarcações típicas e que também pertecem à alçada do E.M.S.

O ecomuseu do Seixal que é visto tanto a nível interno como externo como um caso de grande sucesso, tendo inclusive ganho prémios internacionais, ainda tem um longo caminho para percorrer, uma vez que, muitos portugueses desconhecem completamente esta mais valia do concelho.

Nesta época dominada pelas redes sociais, uma página do ecomuseu ou da CM Seixal destinada a promover unicamente o seu património seria essencial na busca por mais divulgação nos media, e que teria como resultado o aumento do número de visitantes.

O Seixal é provido de boas redes viárias. É uma das portas de entrada em Lisboa, via Tejo. Falta apostar no turista que visita a capital e que tem alguns dias de estadia no nosso país.

Nada disto pode ser feito unicamente pela câmara seixalense. Para atrair interessados, tem de se fazer parcerias, por exemplo, com a CM Almada que é a porta principal de entrada da margem sul do rio Tejo e com o próprio turismo de Lisboa.

O mapa turístico lisboeta que inclui quase sempre o Santuário do Cristo Rei, poderia, com negociações e boa vontade, abranger outros locais de interesse, como é o caso desta olaria. Claro que nesse caso não poderia estar fechada ao público.

Referi-me muito a turistas, mas quem pode começar a dinamizar o ecomuseu são os próprios municípios que estão muito afastados e geralmente nem sabem o que o concelho lhes tem para oferecer gratuitamente.

O financiamento é outro dos grandes problemas com que o ecomuseu tem de se preocupar. Sabemos que está sustentado pela câmara municipal, mas entendo que seria melhor arranjar outra maneira que não só a ajuda camarária. Nos tempos que correm os mecenas não abundam e os que ainda subsistem (privados ou empresas) preferem apostar em algo que lhes dê visibilidade. A criação de parcerias poderia ser um dos meios para conseguir outros fundos.

Como quase tudo em Portugal no que à cultura diz respeito, muito trabalho há a realizar antes que o património caia no esquecimento e por fim no chão.

Notas

-
- ⁱ Retirado da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural e distribuído durante a aula de Mestrado, 2º semestre de História, Arte e Património Contemporâneo de 5 de Abril de 2016
- ⁱⁱ Mendes, J. Amado, *Estudos do Património - Museus e Educação*, pp. 12-13
- ⁱⁱⁱ *Idem* pp. 13-14
- ^{iv} Pérez, Xerardo Pereiro, *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*, pp. 7; 18
- ^v Mendes, J. Amado, *Estudos do Património - Museus e Educação*, p. 30
- ^{vi} Pérez, Xerardo Pereiro, *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*, p.189
- ^{vii} *Idem*
- ^{viii} Mendes, J. Amado, *Estudos do Património - Museus e Educação*, p. 61
- ^{ix} Formado pela Universidade de Paris, com pós-graduação em História e Arqueologia, Hugues de Varine foi diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e despontou como um dos principais teóricos da chamada “Nova Museologia”, que deu outra dimensão à função social dos museus, dando o tom da Mesa de Santiago em 1972. Criador do conceito de “Ecomuseu”, Varine é autor de *A cultura dos outros* (1976); *A iniciativa comunitária* (1992); *Cidade, cultura e desenvolvimento* (1995); e *As raízes do futuro* (2002) in Portal do Instituto Brasileiro de Museus (<http://www.museus.gov.br/tag/hugues-de-varine/>)
- ^x Paris 1897 – Louveciennes 1985. Foi museólogo e fundador do *Musée national des arts et traditions populaires* em 1937.
- ^{xi} Filósofo (Suécia, 1833-1901)
- ^{xii} Pode-se consultar o seu site oficial, disponível em várias línguas, mas não o português em: <http://www.skansen.se/sv/artikel/skansens-historia>
- ^{xiii} Mendes, J. Amado, *Estudos do Património - Museus e Educação*, p. 66
- ^{xiv} Mendes, J. Amado, *Estudos do Património - Museus e Educação*, p. 65
- ^{xv} CM Seixal (http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html)
- ^{xvi} Disponível para download em: http://www2.cm-seixal.pt/pls/decomuseu/get_documents?tp0=1
- ^{xvii} Entende-se por museu polinucleado aquele que é constituído por um núcleo-sede e por mais pólos (ou extensões) dependentes da mesma estrutura. Por norma os museus polinucleados resultam de uma reflexão em torno da valorização patrimonial de um dado território e pretendem promover a salvaguarda e valorização *in situ*. in Coruche-Museu Municipal (http://www.museu-coruche.org/index.php?option=com_content&view=article&id=130&Itemid=72)
- ^{xviii} Pérez, Xerardo Pereiro, *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*, p. 200

^{xix} O arquitecto Mateus Vicente de Oliveira viveu entre 1706 e 1785. Trabalhou ao longo de cinquenta anos em obras de construção de palácios e igrejas do país, ao serviço dos reis D. João V, D. José I e D. Maria I. Destacou-se no convento de Mafra, na obra do palácio de Queluz ao serviço da Casa do Infantado, na igreja do Mosteiro do Lorvão e igreja de Santo António de Lisboa. Seguidor do arquitecto Borromini, original na forma como interpretou a tratadística italiana, ousou ser um arquitecto diferente dentro do panorama da arquitectura portuguesa setecentista, revelando versatilidade. A sua grande obra, a igreja, convento basílica da Estrela revela as características da sua mestria e da sua personalidade, uma forma original de conceber um espaço na arquitectura portuguesa. in *Repositório da Universidade de Lisboa*

^{xx} Decreto n.º 29/84, de 25 de Junho

^{xxi} Fonte: Ecomuseu Municipal Seixal ([http://www2.cm](http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/nucleos_e_extensoes/nucleos/nucleo_moinho_mare.html)

[seixal.pt/ecomuseu/nucleos_e_extensoes/nucleos/nucleo_moinho_mare.html](http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/nucleos_e_extensoes/nucleos/nucleo_moinho_mare.html))

^{xxii} Fonte: CM Seixal (disponível em: http://www2.cm-seixal.pt/pls/decomuseu/get_transports?nucleo0=6)

Bibliografia

Câmara Municipal Seixal – *Ecomuseu Municipal Seixal – Tipografia Popular do Seixal*-PDF (consultado a 27 Maio 2016 às 19h27)

Disponível em: http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/nucleos_e_extensoes/pdf/tipografia.pdf

Ecomuseu Municipal Do Seixal – *Programa de Qualificação e de Desenvolvimento. Instalação dos Serviços Centrais e Qualificação de Núcleos Museológicos.*

Desenvolvimento do Circuito Industrial, Câmara Municipal do Seixal - Outubro 2000/Março 2001 – PDF (Consultado a 27 Maio 2016 às 19h03)

Disponível em: http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html

Mendes, José Amado, *Estudos do Património. Museus e Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009, ISBN: 978-989-8074-81-2, pp. 12-15; 25-26; 30-36; 53-54; 61-71

Pérez, Xerardo Pereiro, *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*, Colección Pasos edita, número 2, 2009, ISBN: (13): 978-84-88429-13-1, pp. 3; 5; 7; 14; 16-18; 45; 62-63; 76; 85; 106-108; 111; 113-116; 121; 140; 159-160; 189; 193-202; 233-234

Portal/página Web

Direção Geral Património Cultural: **Ecomuseu Seixal** (consultado a 10 Maio 2016 às 15h34)

Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/ecomuseu-municipal-do-seixal/>

Ecomuseu Municipal: **Moinho Maré Corroios** (consultado a 27 Maio 2016 às 18h51)

Disponível: http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html

Câmara Municipal Seixal: **Núcleos e Extensões** (consultado a 27 Maio 2016 às 19h02)

Disponível em: http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/nucleos_e_extensoes/nucleos_home.html

Ibram- Portal do Instituto Brasileiro de Museus: **Hugues de Varine** (consultado a 30 Maio 2016 às 19h17)

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/hugues-de-varine/>

Wikipedia: **Georges Henri Rivière** (consultado a 30 Maio 2016 às 19h28)

Disponível em:

https://fr.wikipedia.org/wiki/Georges_Henri_Rivi%C3%A8re_%28mus%C3%A9ologue%29

Skansen (consultado a 30 Maio 2016 às 19h33)

Disponível em: <http://www.skansen.se/sv/artikel/skansens-historia>

Google livros: **Artur Hazelius** (consultado a 30 Maio 2016 às 19h37)

Disponível em:

https://books.google.pt/books?id=cdzIJfJA_rYC&pg=PA46&lpg=PA46&dq=Artur+Hazelius&source=bl&ots=XNRpfFgz6E&sig=w0OgGXJyKx9TA8HWzZs1uFq2mPU&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiFhOz-toLNAhXKC8AKHQm9AT0Q6AEITzAI#v=onepage&q=Artur%20Hazelius&f=false

Junta Freguesia Corroios – **Moinho Maré** (consultado a 31 Maio 2016 às 09h57)

Disponível em: <http://www.jf-corroios.pt/patrimonio-historico/moinho-de-mare>

Coruche – Museu Municipal: **Museu polinucleado** (consultado a 31 Maio 2016 às 10h54)

Disponível em: http://www.museu-coruche.org/index.php?option=com_content&view=article&id=130&Itemid=72

Universidade de Lisboa: **Repositório da Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes (FBA) - FBA - Teses de Doutoramento**

Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/942>